



ARTIGO

SOBRE A DENSIDADE SOCIAL DO MITO. NOTAS PARA UMA LEITURA SOCIOLÓGICA DO TEMA

*Myriam Mitjavila **

Resumo: O artigo tem por objetivo propor alguns parâmetros para a análise sociológica do mito nas sociedades contemporâneas. Parte-se de uma breve revisão do tema no quadro atual das ciências sociais, identificando posteriormente suas potencialidades como espaço analítico relevante na elaboração de teoria sociológica. Nesse sentido, indagam-se as relações entre mito, história e espaço social e, por outro lado, as construções míticas como um tipo de conhecimento ou saber. O artigo conclui com algumas reflexões sobre orientações teórico-metodológicas para o desenvolvimento de pesquisas nesta área temática.

Palavras-chave: mito - teoria sociológica - história - espaço social - conhecimento - saber - orientações teórico-metodológicas.

INTRODUÇÃO

O trabalho que se apresenta a seguir tem como finalidade a discussão de certos parâmetros conceituais da abordagem dos mitos sociais em algumas áreas das ciências humanas. Concretamente, procura-se relevar elementos de interesse sociológico sobre as relações entre mito e tecido social.

Longe de qualquer pretensão de exaustividade em termos de autores e de enfoques, o tratamento do tema mantém-se num

* Prof^a Agregada da Faculdade de Ciências Sociais da Universidad de la República (Uruguai) e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP.



nível nominal ou abstrato, empregando-se referências empíricas exclusivamente para fins ilustrativos.

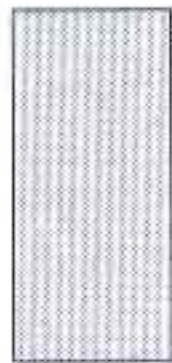
A análise provém de uma perspectiva pouco preocupada com a definição conceitual e as traduções empíricas da noção de *mito* em si, mas que visa identificar suas potencialidades como espaço analítico. A partir do reconhecimento da complexidade do tema, ensaia-se sua decomposição em dimensões que se consideram relevantes. Destaca-se, por um lado, uma preocupação de caráter geral sobre o papel do pensamento e da narrativa míticos na expressão, na produção e na reprodução do mundo simbólico. Finalmente, o artigo pretende registrar algumas derivações para a pesquisa das relações entre saber e mito nas sociedades complexas.

Sobre a Densidade Social do Mito. Notas para uma leitura sociológica do tema
Myriam Mitjavila

A DENSIDADE SOCIAL DO MITO: ALGUNS PARÂMETROS

A problemática do mito, especialmente com referência às suas conexões com a vida social, tem experimentado historicamente diversas aproximações por parte do pensamento erudito. Sua constituição como objeto de estudo para as ciências humanas transporta até nossos dias as marcas de fundação de uma tradição iluminista mais preocupada com o “real” e o “verdadeiro” das estruturas e dos agentes sociais do que com o “quimérico” e “ilusório” das suas expressões míticas, imaginárias, subjetivas (BACZKO, 1984: 13).

No interior da sociologia, a revalorização de temas de natureza *sociosimbólica* exhibe muitas vezes um comportamento cíclico como consequência das tensões paradigmáticas constitutivas da disciplina (IANNI, 1990: 15-30). Porém, a partir dos anos 80, consolida-se a pretensão de impor uma ruptura significativa com aquela tradição intelectual, gerando as bases de uma nova percepção do social. Na verdade, trata-se de uma transformação do discurso sociológico que encontra nítidas referências nos processos sociais contemporâneos.



**Sobre a Densidade Social do Mito. Notas
para uma leitura sociológica do tema**
Myriam Mitjavila

Efetivamente, no próprio desenvolvimento das sociedades complexas podem-se achar as chaves de um vigoroso questionamento e de uma generalizada revisão dos denominados paradigmas das ciências sociais. Assiste-se à inauguração de um duplo processo social: homogeneização universalizadora e reducionista da subjetividade por um lado, e fragmentação ou “ruptura das territorialidades humanas tradicionais” por outro (GUATTARI, 1987: 181; 1992: 15). Configura-se assim um contexto que favorece um *insight* nas ciências sociais o qual tem como resultado mais imediato um forte reconhecimento do papel do simbólico no levantamento das múltiplas expressões da vida social. Essa perspectiva implica que novas categorias - como acontece, por exemplo, com a noção de *imaginário* - ganhem espaço nos discursos de várias disciplinas (sociologia, socioanálise, psicosociologia, antropologia, historiografia etc.) funcionando como substitutos de antigos conceitos - como *cultura*, *representação*, *valor* e *ideologia* (ARRUDA, 1993: 50-53).

A renovação do interesse sociológico pelo mito pode ser interpretada neste novo quadro das ciências sociais, do qual o enfoque aqui adotado é em grande medida tributário. Contudo, deve-se explicitar a importância de manter um diálogo com o acervo teórico intra-disciplinar para avaliar as potencialidades e também as limitações dos conceitos clássicos na direção das novas exigências interpretativas. Trata-se de ensaiar apropriações críticas, que apresentem a capacidade de ir além de uma simples troca de termos para dar conta da rede de significações que caracteriza os universos culturais internamente heterogêneos. (ARRUDA, 1993: 53). É um desafio para indagar as conexões entre a experiência mítica e a rede social que lhe atribui significado (ARRUDA, 1986: 23); é um convite que revitaliza a tradicional tarefa de identificar as correlações funcionais entre o pensamento e a estrutura social sob uma ótica que, na definição proposta por Bastide (1960: 8) há mais de três décadas, corresponde a uma sociologia pluralista e da descontinuidade.

A proposição que em sentido abrangente orienta este ensaio afirma que a fecundidade do estudo sociológico do mito encontra-se fortemente condicionada pela capacidade teórica e metodológica



para levantar, problematizar, decompor e interpretar a **densidade social do mito**. Entende-se por tal um tipo de configuração de atributos sintáticos e semânticos que fazem do mito um privilegiado portador de significações sociais e, ao mesmo tempo, um tipo de discurso que, devido às suas características enunciativas, morfológicas, fecha-se sobre si mesmo, opondo resistência a todo tipo de análise.

A aparente simplicidade das construções míticas pode ter contribuído para o desenvolvimento de certa tradição analítica que de alguma forma tornou opaca sua verdadeira densidade. Efetivamente, o mito costuma fazer uma economia que consiste na eliminação da complexidade dos atos humanos outorgando-lhes a simplicidade das essências, organizando um mundo sem contradições, um espaço onde as coisas parecem ter significado por elas mesmas (BARTHES, 1982: 5).

Precisamente, esse é o mundo que a mitologia comparada e a cultura comparativa de tipo frazeriano não conseguiram transcender, pelo fato de prestar uma maior atenção ao vocabulário do mito do que à sua sintaxe. Estabelece-se assim uma cosmovisão que está baseada na decifração literal dos componentes míticos e que converte os símbolos em essências suscetíveis de serem traduzidas isoladamente. O resultado é mais ou menos óbvio: um impressionante volume de material empírico e um legado de discutíveis generalizações fora de contexto (BOURDIEU, 1984: 12-13)¹.

Todavia, atrás da sua aparência de simplicidade, esconde-se uma densidade que habitualmente dificulta a percepção da onipresença do mito, ainda nas sociedades complexas do mundo contemporâneo. Ele está presente nos mais insuspeitados âmbitos da cultura, até naqueles que definem-se a si próprios de acordo com atributos opostos aos do pensamento mítico, e entre os quais a ciência constitui um exemplo eminente (CASSIRER, 1976: 24; KOLAKOWSKI, 1990: 9-11).

Sob essas condições, resulta inviável apreender a essência do mito, na medida que a significação por ele movimentada, nas palavras de Lévi-Strauss (1985: 258, citado por ARRUDA, 1986: 25),

Sobre a Densidade Social do Mito. Notas para uma leitura sociológica do tema
Myriam Mitjavila

¹ Segundo Leszek Kolakowski (1990:19), a essa categoria pertenceriam tentativas como a de Mircea Elfade (1989:97) dirigida a demonstrar que os mitos particulares seriam concretizações espaço-temporalmente determinadas pelo mito arquetípico comum à consciência mítica. Tal procedimento, de duvidoso status científico teria valor, no máximo, como exemplo de componente intra-mítico da própria teoria antropológica.



Sobre a Densidade Social do Mito. Notas para uma leitura sociológica do tema
Myriam Mitjavila

“não existe no absoluto”. Nesse sentido, a problematização da sua presença nas sociedades fortemente diferenciadas oferece maior interesse: trata-se de uma presença não imediata, complexa; ela está historicamente construída; provém de uma experiência coletiva; configura um tipo de linguagem ou fala; representa uma classe de conhecimento ou de saber; permeia as práticas sociais; tem uma dimensão institucional; enfim, possui um conjunto de traços que virtualmente fazem com que o mito possa desempenhar funções sociais significativas. Considerar algumas dessas propriedades apresenta-se como um momento analítico necessário para os fins da discussão que aqui se está propondo.

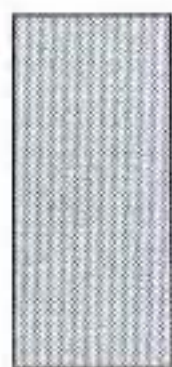
² Esse assunto foi exposto com clareza por Raoul Girardet (1987) no estudo da origem dos mitos políticos modernos, particularmente, no que se refere ao ajuste entre os traços biográficos das figuras políticas e as necessidades da sociedade num momento histórico determinado.

³ Na literatura sobre o tema podem ser achadas posições divergentes sobre o papel ideológico tanto do mito como da utopia. Assim, por exemplo, para Mannheim (1950:194) são utopias “(...) todas as idéias que transcendem uma situação (que não são só uma projeção de nossos desejos) que têm, em alguma medida, o poder de mudar a ordem histórico-social existente.” Considera, ainda, que o mito não é necessariamente um instrumento de subversão social, como foi comprovado pela existência de mitos conservadores (do qual, o mito da raça na Alemanha hitleriana constituiu um exemplo paradigmático). Pelo contrário, Sorel (1972:32) valoriza o mito porque ele condena a utopia: o mito é supraintelectual enquanto a utopia é um sistema racional; aliás, os mitos seriam imunes aos argumentos racionais, expressando “a vontade de um grupo que se prepara para a luta.”

MITO E HISTÓRIA: UMA RELAÇÃO INTRINCADA

A relação entre mito e história pode ser concebida em dois sentidos. Por uma parte, o mito é histórico, já que ele não é eterno e sua existência não pode ser derivada da natureza das coisas (BARTHES, 1982:132); na verdade, ele é um produto da história. Encontra-se sempre enraizado em alguma forma da realidade histórica, ainda que as construções legendárias nele contidas não se correspondam com a realidade objetiva. Mais ainda, a correspondência não necessariamente se estabelece entre a realidade fática e os componentes semânticos da formulação mítica, e sim, necessariamente, entre esta e as circunstâncias históricas nas quais surge².

Por outro lado, os vínculos entre mito e história podem ser observados segundo a participação do mito na produção da história. Evidentemente, este segundo sentido que assume as ligações entre ambos os termos apresenta-se como mais problemático, como foi demonstrado por R. Bastide (1960) ao tentar fazer uma revisão crítica dos conceitos de *mito* e *utopia* do ponto de vista de papel que eles têm desempenhado no devir histórico. Para esse autor, independente da direção ideológica que as noções de mito e história possam exprimir,³ elas remetem à mesma forma de pensamento. As



utopias contêm arquétipos míticos porque elas representam, nas sociedades fortemente diferenciadas, o núcleo de uma consciência mítica que não conseguiu resistir à desintegração dessas sociedades em grupos antagônicos. As utopias, continua Bastide, como nas formas cristalizadas dos mitos, contêm “modelos” que devem inspirar o comportamento humano, mas distinguindo-se desses modelos pelo fato de serem construídas num clima de racionalidade que censura toda sorte de pulsão mística.

Contudo, o que vai causar confusão neste terreno, fundamentalmente para o observador que não consegue discriminar *o tempo narrado no mito com o tempo produtor do mito*, é a própria apresentação da temporalidade na narrativa mítica. Geralmente, o relato mítico tem aparência a-histórica: instaura um tempo não cronológico mas que é primordial (ELIADE, 1989: 32), tempo que é característico dos acontecimentos míticos. Os contornos temporais são delineados segundo esse princípio, estando condicionados de maneira não evidente pelo pesar e a angústia construtores do mito assim como também pela esperança e sua projeção numa visão de futuro ou numa evocação do passado.⁴ Nessa direção orienta-se a intenção de Durkheim ao afirmar que os mitos “são uma explicação do presente muito mais do que uma história” como tal (1937: 183). Essa observação remete, sem sombra de dúvidas, às circunstâncias próprias do espaço social no qual o mito se cristaliza e circula.

O ESPAÇO SOCIAL DA CONSTRUÇÃO MÍTICA

Na atualidade, existe consenso no reconhecimento das bases sociais do pensamento mítico. Em particular, foi a análise de tipo estrutural que com Lévi-Strauss inaugurou uma leitura metódica, elaborada, das correlações entre mito e organização social. Empregando a metodologia do mencionado autor em *The Structural Study of Myth* (1958), R. da Matta (1973: 19-20) mostra o papel do espaço social na gênese e na estruturação do mito, fundamentalmente através da presença de categorias sociais (sexuais e de

Sobre a Densidade Social do Mito. Notas para uma leitura sociológica do tema

Myriam Mitjavila

⁴ Praticamente, existiriam poucas representações do passado que não culminem numa certa visão do futuro, assim como poucas de estas que não se apoiem em referências ao passado. Contemporaneamente, movimentos contestatórios - como, por exemplo, o ecologista - mostram uma considerável riqueza de ambigüidades, situação que é fruto da confluência de uma vontade progressista com referências ancoradas no passado.



Sobre a Densidade Social do Mito. Notas para uma leitura sociológica do tema
Myriam Mitjavila

parentesco) numa narrativa que reproduz os significados sociais das mesmas, outorgando-lhes, simultaneamente, novas conotações.

Com respeito às sociedades complexas, a apreensão do social contido no mito torna-se mais problemática devido à natureza heterogênea, fragmentária e conflituosa desse tipo de contexto. Parece necessário, então, formular três classes de perguntas: (i) quais são os principais problemas e os mecanismos que participam na produção e difusão dos mitos nas sociedades contemporâneas?, e (ii) que tipo de narrativa resulta? e (iii) qual é o tipo de material que ela nos oferece para uma análise sociológica?

Com relação à primeira pergunta, deve-se sublinhar o acordo relativamente amplo existente entre os investigadores sobre a influência que exercem a irrupção de crises, desequilíbrios ou tensões sociais na emergência dos mitos (ELIADE, 1973: 135; 1989: 11), convertendo-os em telas sobre as quais os grupos projetam suas angústias (GIRARDET, 1987: 179). Mas trata-se aqui de um território pouco conhecido no caso das sociedades complexas, basicamente como consequência do baixo número de pesquisas e de universos temáticos envolvidos. No entanto, na literatura disponível, encontra-se um conjunto de condições que impulsariam o surgimento dos mitos, tais como as necessidades de institucionalização de mudanças sociais (SAGRERA, 1969: 739); a expressão de relações de conflito entre classes e grupos sociais (GIRARDET, 1987: 180); o desenvolvimento de tensões anômicas (CASSIRER, 1976: 297) e as crises de legitimidade nos sistemas políticos (GIRARDET, 1987: 180), só para mencionar algumas das mais importantes.

Contudo, essa diversidade na origem da constituição dos mitos contemporâneos parece estar claramente organizada por dois elementos comuns: (i) a natureza sempre coletiva e, geralmente societária das construções míticas, e (ii) sua efervescência nas circunstâncias de ameaça ou de ruptura dos processos de identificação que operam na base da consciência coletiva. Na visão de Girardet (1987: 180), os mitos possuem uma lógica coercitiva que responde a uma função de reestruturação dos laços que ligam o individual e o coletivo, o mental e o social. Consistem também em



instrumentos de reconquista de uma identidade comprometida, bem como na construção de uma certa forma de realidade social. Nesse sentido, Castoriadis (1986: 229, citado por YANUZZI, 1988: 15), afirma que o mito “(...) é essencialmente uma maneira pela qual a sociedade investe de significações o mundo e a sua própria vida no mundo - um mundo e uma vida que seria de outra maneira, com toda evidência, carente de sentido.”

Por outro lado, os mitos apresentam uma característica que informa sobre sua natureza contraditória e, nessa medida, muito mais móvel do que sua aparência discursiva permite-nos pensar: o mito representa, nas palavras de Girardet (1987: 73), “uma encruzilhada do imaginário” na qual juntam-se aspirações e interesses diversos e até contraditórios. Assim, por exemplo, a figura de Napoleão Bonaparte, segundo os momentos e os meios, tem encarnado, ao mesmo tempo, a ordem e a aventura, o messianismo revolucionário e o princípio de autoridade. E mais, o processo de construção do mito é, em algum sentido, dialético: pela rejeição dos valores que provocam o mal-estar do presente, define-se o protagonismo dos valores que o mito transporta.

Esses atributos fazem do mito um tipo de construção móvel, dinâmica, suscetível de circular abrangentemente no espaço social. Na opinião de Barthes (1982: 169-170), o mito perdura porque se expande, podendo definir uma geografia e uma história próprias e nas quais é possível identificar suas “zonas de implantação”. Fora de contexto, os mitos extinguem-se ou transformam-se em literatura, como observa Bastide (1960a: 337) ao dizer que “(...) o empobrecimento dos mitos africanos não provêm de um verdadeiro esquecimento de tipo psicológico provocado pela passagem do tempo, mas sim da falta de pontos de referência aos quais reportar as lembranças. Não é pois o desgaste, e sim a mudança da sociedade o que explica a perda das imagens.”

Quanto à terceira das interrogações acima formuladas, isto é, sobre a classe de material que os mitos nos oferecem para uma análise sociológica do tema, repete-se um traço já anotado no percurso até aqui seguido. Assim como o mito, sendo ele uma cons-

Sobre a Densidade Social do Mito. Notas para uma leitura sociológica do tema
Myriam Mitjavila



Sobre a Densidade Social do Mito. Notas para uma leitura sociológica do tema
Myriam Mitjavila

trução primordialmente histórica, concebe-se a si próprio em termos não históricos, assim também, constituindo uma resposta às conseqüências às vezes arrasadoras do conflito social, o mito costuma manifestar-se de maneiras absolutamente opostas a essas condições. Assim, por exemplo, o mito da Idade do Ouro, presente nas culturas de movimentos comunitários autoconcebidos como êmulos da Idade Média, apresenta, como tantos outros baseados no culto de tempos pretéritos, um mundo cheio de sonhos, de “pureza”, “autenticidade”, “harmonia”, “inocência”, “ordem”, procurando deixar a impressão de que o tempo não passa e permanece cristalizado. Certamente os mitos tendem a exibir a representação de um espaço social reduzido, obrigatoriamente fechado sobre ele mesmo, impedindo dessa forma a introdução de qualquer elemento de ruptura ou de contradição.

Efetivamente, esse é o tipo de universo semântico que caracteriza o mundo mítico: limitado, fechado a qualquer classe de ameaça de introdução de dissonâncias cognitivas. Se a leitura sociológica do mito dependesse exclusivamente do material oferecido pelo contexto social assim como de sua semântica aprisionada arquetipicamente, o trabalho heurístico encontraria sérias limitações. Mas, afortunadamente para nós, os mitos não são só conteúdo, eles são também pura forma. Nas regularidades da sua sintaxe e no tipo de conhecimento que eles transportam podem ser achados alguns sinais de sua significação social.

O MITO COMO LINGUAGEM

Van der Leeuw (1948: 404) reconhece que o mito “não é nem uma especulação, nem um poema, nem uma explicação primitiva do mundo, nem uma filosofia embrionária, ainda que o mito possa ser tudo isso e efetivamente o seja mais de uma vez. É uma palavra que, repetindo-se, possui uma força decisiva.”

Essa força reside num sistema de comunicação e, por isso, torna-se uma forma, um modo de significação (e não uma idéia, con-



ceito ou objeto). É uma forma capaz, como foi exposto anteriormente, de assumir limites históricos e condições de funcionamento. Como propõe Barthes (1982: 131), o mito não se define segundo o objeto de sua mensagem e sim de acordo com a maneira como a comunica; por essa razão, seus limites seriam formais e de maneira alguma substanciais. Nesta perspectiva, o mito constitui uma fala, considerada como a unidade ou a síntese significativa que ela carrega.

A prevalência da sintaxe não configura um fato arbitrário ou natural. Ele fundamenta-se nas condições sociohistóricas nas quais o mito emerge e se desenvolve. O mito é uma objetivação da experiência coletiva que, da mesma forma que a arte e a religião, transforma o simbólico em “obras” (CASSIRER, 1976: 62-63). E acontece que estas obras ou condensações da fala devem respeitar as regras de enunciação que garantam a passagem de um estado fechado ou mudo do objeto mítico para outro oral e aberto à apropriação social (BARTHES, 1982: 131). Em outras palavras: o mito deve estruturar-se através de uma fala que permita à imagem provocar naturalmente o conceito, assegurando-se assim uma existência que atinja efetivamente o coletivo social. Uma ilustração desse tipo de exigência pode-se apreciar na tendência vagarosa, porém universal, da transição das categorias exteriores e espaciais para as subjetivas e temporais nas narrativas dos mitos modernos (LÉVI-STRAUSS, 1963: 219).

Nesse sentido, poder-se-ia dizer que um bom mito é aquele que, com uma economia de recursos da linguagem, consegue explicar, justificar, de alguma forma exprimir, acontecimentos, aspirações, desejos coletivos ou qualquer outro elemento central para o processo de mitificação, sob condições de apropriação social. Isto implica a constituição do mito como metalinguagem, ou seja, como dispositivo que faz da língua seu próprio objeto: através da forma consegue afastar a riqueza da significação original, empobrecendo-a e mantendo-a à sua disposição (BARTHES, 1982: 134-141). Mas a língua permanece intrínseca ao mito, dando-lhe uma forma determinada. Esse mecanismo tem sido resumido por Lévi-Strauss como a operação *bricolage*⁵, para designar a utilização dos elementos “cujas combinações possíveis estão limitadas pelo fato de terem

Sobre a Densidade Social do Mito. Notas para uma leitura sociológica do tema
Myriam Mitjavila

⁵ O *bricoleur*, contrariamente ao engenheiro, é aquele que opera sem um plano, construindo seus instrumentos com pedaços de coisas feitas para outros fins.



Sobre a Densidade Social do Mito. Notas para uma leitura sociológica do tema
Myriam Mitjavila

sido tomadas em empréstimo da linguagem, onde já possuem um sentido que restringe o seu poder de manobra.”

Esse perfil sintático dos mitos é indissociável do tipo de conhecimento que transportam sobre o mundo social de onde eles surgem, assunto que se discutirá a seguir.

O PROBLEMA DO CONHECIMENTO NO MITO

Todo mito traz consigo algum tipo de saber; porém, os mitos são imperfectíveis e indiscutíveis, na medida em que se mostram imunes às perdas e às aquisições cognitivas que envolvam argumentos racionais (BARTHES, 1982: 150). Como tinha percebido Kolakowski (1990: 9), não cabe tentar inquirir racionalmente o mito, pois ele não pertence ao âmbito do entendimento analítico. Os mitos se transformam ou morrem (podendo ser substituídos por outros) fundamentalmente quando apresentam uma perda da capacidade para representar novas aspirações ou necessidades do corpo social⁶.

O tipo de saber contido nos mitos é o típico da “fala despolitizada” (BARTHES, 1982: 153-155), no sentido da construção de uma imagem naturalizada do mundo real. O mito se apresenta como uma fala inocente precisamente por esse motivo e não porque se proponha ocultar suas intenções. *Transformar a história em natureza* constitui o princípio fundamental do pensamento mítico.

Essa asseveração não implica, de forma nenhuma, esquecer que o universo mitológico contém um sistema de valores. Contudo, ocorre que o consumidor do mito relaciona-se com ele como se fosse um sistema de fatos e não um sistema semiológico. Isto leva a pensar no interesse que pode suscitar a consideração do pensamento mítico como uma *modalidade social de certeza*. Tratar-se-ia de transportar para este campo um objeto de reflexão da filosofia com a finalidade de indagar as correspondências entre espaço social e condições de validação dos discursos (L. PINTO, 1984: 107). Essa proposta orienta-se no sentido de identificar os suportes sociais dos

⁶ Nesse caso, seria sugestivo pensar no “mito” do Estado capitalista moderno, nas suas transformações objetivas recentes, confrontadas com as mudanças das narrativas dos agentes sociais que são portadores desse mito.



mitos no interior dos universos simbólicos, ainda que, nos limites deste trabalho, pretende unicamente indicar um curso analítico que mereceria maior atenção em outro momento.

Sobre a Densidade Social do Mito. Notas para uma leitura sociológica do tema
Myriam Mitjavila

SOBRE AS FUNÇÕES SOCIAIS DO MITO

Para Barthes (1982: 138), a unidade e a coerência do mito provêm de sua dupla função: designar e notificar, quer dizer, fazer compreender e impor alguma coisa.

Habitualmente, aceita-se que uma das funções do mito é revelar modelos portadores de uma significação do mundo e do lugar que nele ocupam os sujeitos (ELIADE, 1989: 163). O tipo de modelo que oferece o mito contém na sua própria enunciação um conjunto de condições favoráveis para o desenvolvimento de adesões, já que ele conta como verdadeiro algo que “já foi feito” e que, precisamente por causa disso, não requer justificar seu caráter real, verdadeiro e eficaz (ELIADE, 1989: 159). Geralmente, os mitos possuem componentes sacros, ainda que nas versões mais modernas e secularizadas. Especificamente, o mito considera-se a si mesmo uma história sagrada, característica que reforça sua conversão em modelo exemplar (ELIADE, 1973: 19).

Os traços de cada modelo estão marcados pelo contexto factual - histórico e social - no qual desenvolve-se o mito e, especialmente, pelos sistemas de valores, tipos de mentalidade e modelos de autoridade que coletivamente conseguem se impor. A respeito, Girardet (1987: 83) usa como exemplo o ideal de regeneração moral que acompanhou o surgimento da III República na França, baseado nas idéias de comando militar e magistério moral encarnadas na figura mítica do marechal Pétain. Em termos gerais, a exaltação de valores comunitários e o reconhecimento de formas privilegiadas de sociabilidade obedecem, em grande parte, às necessidades de reestruturação de identidades comprometidas quando experimentam-se processos de mudança e/ou de desintegração social.



Sobre a Densidade Social do Mito. Notas para uma leitura sociológica do tema
Myriam Mitjavila

Essa oferta de modelos contida nas construções míticas representa, do ponto de vista do sujeito individual, a possibilidade de perceber neles o reduto da própria identidade, e de reafirmar-se no espaço social com a certeza de ter um referente especular de si próprio (ARRUDA, 1986: 20). Todavia, interessa sublinhar que os sujeitos não estabelecem com os mitos relações de verdade e sim de utilização. Recordar-se desta condição oferece a vantagem de atribuir um impacto relativo aos mitos, em termos de uma penetração não homogênea do espaço social segundo os diferentes microclimas que coexistem nele (BARTHES, 1982: 168-169).

As funções identitárias fazem com que o mito seja também uma potência mobilizadora: ele pode constituir um instrumento de reconquista das identidades em risco, fundamentalmente junto às manifestações do imaginário social que concebem novas formas de organização comunitária, nascidas no coração da própria sociedade global e, na maior parte dos casos, em oposição a ela (GIRARDET, 1987: 183-184). Neste aspecto, Reszler (1981: 94, citado por YANUZZI, 1988: 11), parafraseando Marx, detecta no mito a capacidade para “(...) magnificar as novas lutas, exagerar na imaginação a tarefa a cumprir, reencontrar o espírito da revolução, tem-se aqui a função histórica do mito político.”

Apesar disso, os mitos tendem a afirmar-se em funções que privilegiam a coesão social, a integração, o controle, através de uma linguagem que interpela os sujeitos com considerável força imperativa. Poder-se-ia fazer, então, a seguinte pergunta: até que ponto os mitos desempenham, nas sociedades complexas, o papel de *operadores homogeneizadores* da vida social? No jogo de tendências simultâneas e articuladas à homogeneização e heterogeneização do social, o pensamento mítico parece tornar-se cada vez mais polissêmico e, ao mesmo tempo, conservar a missão de curar as feridas mais profundas que as conseqüências dessas mesmas tendências introduziriam no tecido social.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a Densidade Social do Mito. Notas
para uma leitura sociológica do tema
Myriam Mitjavila

Apesar do caráter exploratório da análise até aqui realizada sobre algumas dimensões da problemática do mito, é possível concluir com a identificação de algumas questões de interesse para a pesquisa sociológica. Trata-se, inevitavelmente, de itens privilegiados por uma leitura seletivamente orientada pelos objetivos propostos no começo do trabalho. Essas questões são:

1. Sobre a construção de objetos de interesse sociológico a partir da problemática do mito. O campo das construções míticas constitui um lugar privilegiado para analisar estruturas e processos sócio-simbólicos. Possui a virtude de representar uma instância com abundante material simbólico, mas com a vantagem de não conter unicamente símbolos: o mundo dos mitos reúne também um conjunto de elementos factuais e cumpre funções instituintes com relação a formas significativas de ação social. Estes são fundamentos suficientes para estudar nas narrações míticas, por exemplo, certas expressões do imaginário social (que como tal é inapreensível), no sentido do termo concebido por Castoriadis (1982: 154-159).

2. Sobre as tarefas da sociologia do conhecimento acerca das narrações míticas. O mito oferece um material discursivo de considerável interesse para o estudo das conexões entre o simbólico e o social que participam na produção e reprodução de saberes em geral e, particularmente, do que oportunamente foi aqui denominado como *modalidades sociais da certeza*. Indagar as ligações entre estas, seus contextos sociohistóricos de validação e seu papel na orientação das práticas sociais informa sobre uma área promissória para a pesquisa.

3. Sobre os múltiplos registros que admite a análise do mito. As produções míticas têm a dupla capacidade de operar como variáveis dependentes (produtos socialmente determinados) e independentes (fatores socialmente determinantes). O estudo do material mítico



Sobre a Densidade Social do Mito. Notas para uma leitura sociológica do tema
Myriam Mitjavila

pode igualmente abrir registros macro e micro sociais. A combinação de ambos os tipos de possibilidades estaria oferecendo diferentes perspectivas de análise (entre outras que não estão sendo consideradas aqui), segundo pode ser observado na seguinte tabela de objetos que apenas tem a intenção de ilustrar a idéia:

Nível de Análise		Mito como Variável
Independente		Dependente
Macro	Papel do mito na criação de movimentos sociais, políticos, culturais (ex.: nacional socialismo)	Determinações macro-sociais dos mitos (ex.: mito do Estado)
Micro	Papel do mito nos universos simbólicos de sujeitos individuais, grupais e organizacionais	

4. Sobre orientações teórico-metodológicas. A significação social dos mitos não reside unicamente nas dimensões estritamente simbólicas que comporta. *O mítico instaura-se e desenvolve-se na própria ação social.* Logicamente isso conduz a indagá-lo no campo ritual, na medida que o rito representa o momento de afirmação do mito. O ritual se desenvolve dentro de quadros específicos de sociabilidade (NISBET, 1977: 92-102). Valor em si mesma, e essencialmente forma (SIMMEL, 1977: 425-478), a sociabilidade constitui o suporte por excelência dos comportamentos ritualizados e da homogeneização dos valores sociais. Nessa direção, a pesquisa empírica tem a possibilidade de fazer aportes relevantes.

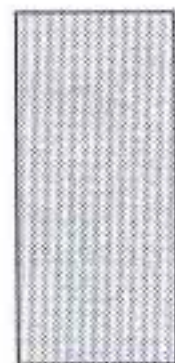


5. O mito: objeto real ou categoria analítica? Em função de toda a análise precedente, pode-se concluir que nem uma nem outra representam opções antagônicas. Existiriam certas narrativas cujos padrões de enunciação estariam configurando o que habitualmente se tipifica como mito; aliás, seria igualmente útil considerar a existência de um modo mítico de construir discursos. Porém, parece razoável afirmar que a problemática do mito configura um *espaço analítico*, quer dizer, um campo de objetos que exprime formas típicas de expressão e circulação do mundo simbólico e do imaginário.

6. Análise sincrônica versus abordagem diacrônica do mito. Principalmente quando se trata o mítico como variável dependente, a consideração de fatores históricos parece inevitável. Metodologicamente, surge aqui o problema das mediações que introduzem as fontes de informação para a reconstrução das narrativas míticas (problema típico da antropologia frente às sociedades não complexas (LÉVI-STRAUSS, 1981: 17-25)) cuja configuração não é contemporânea ao investigador. Em todos os casos, a opção depende da constituição do objeto de estudo.

7. Sobre a interdisciplinariedade, não como simples fórmula, mas como condição de possibilidade para o tratamento de determinados temas. Especificamente no campo do mito, a sociologia necessita manter um diálogo com aquelas disciplinas que conseguiram estabelecer um certo corpo de conhecimentos e de reflexão, como nos casos da semiologia, a filosofia, a antropologia e a psicanálise. Usando os termos de Dumézil, trata-se de se situar em vários “laboratórios de síntese”, capazes de inspirar a apropriação e a elaboração de novos instrumentos de análise. ■

Sobre a Densidade Social do Mito. Notas para uma leitura sociológica do tema
Myriam Mitjavila



Sobre a Densidade Social do Mito. Notas para uma leitura sociológica do tema
Myriam Mitjavila

MITJAVILA, Miriam. **Plural**; Sociologia, USP, S. Paulo, **1**: 87-105, 1.sem. 1994.

Abstract: This article aims at proposing some parameters to the sociological analysis of myths in contemporary societies. It stems from a short review on this theme in social sciences as it is today, identifying, in a later stage, its potentialities and analytical relevance in the elaboration of a sociological theory. This way, both the questions concerning the relationship between myth, history and social space, and the constructions of myths as a kind of understanding or knowledge are discussed. The article includes some insights on theoretical methodological orientations for the development of researches on this thematic field.

Uniterms: myth - sociological theory - history - social space - understanding - knowledge - theoretical methodological orientations.

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA M. *Mitologia da Mineiridade. O Imaginário Mineiro na vida Política e Cultural do Brasil*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1986.

———. A construção imaginária de Minas Gerais: dimensões literárias. Em *O imaginário em terra conquistada*. Textos CERU, 2a. série, nº4: 45-74, 1993.

BACZCO B. *Les Imaginaires Sociaux. Mémoires et espoirs collectifs*. Paris, Payot, 1984.

BARTHES R. *Mitologias*. São Paulo, Difel, 1982.

BASTIDE R. *Mythes et Utopies*. Em *Cahiers Internationaux de Sociologie*, XXVIII: 3-12, 1960.

———. *Les religions afrobresiliennes. Contribution à une sociologie des interpénétrations de civilisations*. Paris, PUF, 1960a.



BOURDIEU P. *Le sens pratique*. Paris, Ed. de Minuit, 1984.

CASSIRER E. *O mito do Estado*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.

CASTORIADIS C. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

DURKHEIM E. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris, Ed. Alcan, 1937.

ELIADE M. *Mito y realidad*. Madri, Guadarrama, 1973.

———. *Origens, história e sentido na religião*. Lisboa, Edições 70, 1989.

GIRARDET R. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

GUATTARI F. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

IANNI O. *A crise de paradigmas na sociologia*. Cadernos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, nº20, Campinas, Unicamp, 1990.

KOLAKOWSKI L. *La presencia del mito*. Madri, Cátedra, 1990.

LÉVI-STRAUSS C. *Le Totémisme aujourd'hui*. Paris, Presses Universitaires de France, 1962.

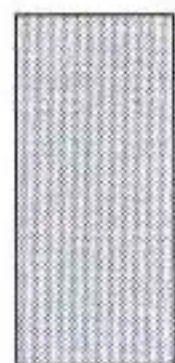
———. *La Pensée Sauvage*. Paris, Plon, 1963.

———. *Mito e significado*. São Paulo, Edições 70, 1981.

———. *La potière Jalouse*. Paris, Plon, 1985.

MANNHEIM K. *Ideologia e Utopia*. Porto Alegre. Ed. Globo, 1950.

Sobre a Densidade Social do Mito. Notas para uma leitura sociológica do tema
Myriam Mitjavila



Sobre a Densidade Social do Mito. Notas para uma leitura sociológica do tema
Myriam Mitjavila

- MATTA R. *Ensaio de antropologia cultural*. Petrópolis, Vozes, 1973.
- NISBET R. *La formación del pensamiento sociológico*. Volumen 2. Buenos Aires, Amorrortu, 1977.
- PINTO L. "C'est moi qui te le dis" Les modalités sociales de la certitude. In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 52-53: 107-108, 1984.
- RESZLER A. *Mythes politiques modernes*. Paris, Presses Universitaires de France, 1981.
- SAGRERA M. *Mitos y sociedad*. Barcelona, Labor, 1969.
- SOREL G. *Réflexions sur la violence*. Paris, Ed. Marcel Rivière et Cia, 1972.
- VAN DER LEEUW G. *La religion dans son essence et ses manifestations. Phenomenologie de la religion*. Paris, Payot, 1948.
- YANUZZI M. *La función social del mito*. Trabalho apresentado no XVII Congresso da Associação Latinoamericana de Sociologia, Montevideo mimeo, 1988.